

Drama em 2 partes e 1 epílogo de VIRGÍLIO MARTINHO, com a colaboração de Ildefonso Valério, baseado na «Crónica de D. João II», de Fernão Lopes.

Publicado em 1977. Representado pela 1ª vez em Abril de 1977 no Teatro da Trindade pelo Grupo de Teatro de Campolide, numa encenação de Joaquim Benite.

[...]

Várias cenas que representam ruas e interiores de Lisboa, a sala do Paço, uma paisagem alentejana, as muralhas da cidade, as Cortes de Coimbra, o acampamento militar de Aljubarrota. A acção decorre em 1383, entre o «aliciamento do Mestre de Aviz pela burguesia para matar o Andeiro e a batalha de Aljubarrota».

A 1.ª cena coloca o espectador perante a conspiração em que participam Álvaro Pais, João das Regras e Silvestre Esteves, entre outros. Cada um proclama as razões que o levam a participar na revolta, que não poderá deixar de passar pela liquidação do Conde Andeiro. Os conspiradores elegem o Mestre de Aviz como sendo quem poderá matar o Andeiro e conseguir a unidade indispensável para que a conspiração resulte. Através de três narradores e da divisão do texto em cenas curtas, em que os comentários daqueles funcionam como se fossem legendas, seguimos o percurso dessa conspiração. Aliciado o Mestre de Aviz, que ao projecto opôs alguma resistência de início, vemos o Conde Andeiro dirigir-se a Lisboa onde vai assistir ao funeral de D. Fernando, a convite de Leonor Teles. Andeiro, conhecedor da conspiração, quer persuadir Leonor Teles a chamar o Rei de Castela ao que esta se opõe. O Mestre de Aviz apresenta-se no Palácio, com os seus amigos, e mata o Andeiro, como estava combinado. Na rua, Álvaro Pais grita que mataram o Mestre para que o povo se amotine. Os populares armam-se e acorrem ao palácio. É então que o Mestre aparece para sossego do Povo. Os sinos da Sé não repicam de alegria pelo acontecido, e os populares matam o Bispo de Lisboa, que era castelhano. Sendo o rei de Castela casado com a infanta Beatriz, crê-se com direito ao trono e prepara-se para invadir Portugal. O Mestre de Aviz está disposto a abandonar o país e a partir para Inglaterra mas convencem-no a ficar, sendo eleito regedor e defensor do reino. Os conspiradores pretendem que o Mestre de Aviz case com Leonor Teles mas os populares opõem-se. D. Nuno Álvares Pereira junta-se ao Mestre para a defesa da Pátria contra a invasão castelhana. Começam no Alentejo os combates em que os populares se revoltam contra o poder dos representantes da rainha. Lisboa é cercada pelos castelhanos mas resiste valentemente. D. Nuno Álvares Pereira acorre com as suas forças mas entretanto já os castelhanos tinham levantado o cerco. Nas cortes de Coimbra, o Mestre de Aviz é proclamado rei, D. João I, e faz inúmeras doações a Nuno Álvares Pereira. Trava-se a batalha de Aljubarrota em que o invasor castelhano é vencido.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 230-232.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.